

FRONTEIRAS IDENTITÁRIAS NA FICÇÃO: UM ESTUDO DO EU/OUTRO EM “AVANTE SOLDADOS: PARA TRÁS”

PAULA JUNIOR, Celso Garcia¹

Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

celsogarcia_foz@hotmail.com

Resumo: O artigo enfocará fronteiras identitárias que são percebidas na obra “Avante soldados: para trás” de Deonísio da Silva (1992). Para isso utilizaremos uma abordagem interdisciplinar (Vasconcelos, 2002; Casanova, 2006), tendo como fio norteador o processo de identidade e suas fronteiras (Cuche, 1999; Albuquerque, 2010). A literatura, por focar diversos aspectos sociais é um campo profícuo para se entender processos identitários que se dão em situações de conflito, a exemplo do que ocorre na obra do escritor catarinense. Sob a forma memorialística e explorando dados da história em um escrito polifônico (Barros; Fiorin, 1999), esse autor utiliza como pano de fundo da narrativa o episódio histórico conhecido como “Retirada da Laguna” ocorrido na Guerra do Paraguai (Doratioto, 2002). A identidade por ser algo contraposto e não posto necessita do outro para sua solidificação e seu reconhecimento. Essa necessidade de reconhecimento pode ser pressentida no posicionamento das personagens (Bakhtin, 2006) encontradas dentro da narrativa de Silva.

Palavras-chave: Fronteiras identitárias; Interdisciplinaridade; Eu/outro

Introdução

A literatura pode ser uma forma profícuo para o entendimento de diversos temas da vida social e coletiva. Embora haja campos do conhecimentos que se debruçam sobre esses temas, a exemplo da antropologia, história, psicologia, sociologia, filosofia, dentre outros, ela é um meio de expressão artística em constante convergência com outros saberes humanos, e de forma direta ou indireta, contribui para esse entendimento. De maneira recíproca, pode suscitar o estudo de diversas temáticas até então pouco abordadas pelos campos anteriormente referidos.

¹ Acadêmico regular do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – campus Foz do Iguçu.

1.1 A Interdisciplinaridade no estudo da literatura

São vários os estudos que buscam a expressão literária e ela pode ser abordada por meio de estudos interdisciplinares. A interdisciplinaridades, segundo Vasconcelos:

As práticas inte-, por sua vez, são entendidas aqui como promovendo mudanças estruturais, gerando reciprocidade, enriquecimento mútuo, com uma tendência à horizontalização das relações de poder entre os campos implicados. Exigem a identificação de uma problemática comum, com levantamento de uma axiomática teórica e/ou política básica e de uma plataforma de trabalho conjunto, colocando em comum os princípios e conceitos fundamentais de cada campo original, em um esforço de decodificação em linguagem mais acessível dos próprios campos originais e de tradução de sua significação para o senso comum, identificando as diferenças e eventuais convergências entre esses conceitos e permitindo uma comparação contextualizada. Dessa forma, abre-se caminho para uma fecundação e uma aprendizagem mútua, que não se efetuam por simples adição ou mistura linear, mas por uma recombinação dos elementos internos (VASCONCELOS, 2002: 111).

Conforme nos deixa entender Vasconcelos, com o enfoque interdisciplinar as diversas disciplinas e campos distintos de saberes podem convergir. Mesmo sabendo-se que existem peculiaridades que os caracterizam, há pontos de contato que podem alargar o nível de seus enfoques de maneira recíproca. Para que isso seja feito, não basta simplesmente fazer diversos recortes de estudos produzidos por vários intelectuais pertencentes a determinadas áreas do conhecimento. Para que haja um estudo interdisciplinar, é necessário o diálogo que consiste na comunicação igualitária e a nível horizontal entre esses saberes diversos.

Dessa maneira, a literatura, pode estar lado a lado teoricamente com a história ao nos fazer refletir sobre algumas contradições dentro desse campo científico, e alargar as fronteiras definidoras dentro dessa mesma ciência, como vem ocorrendo com a historiográfica e o seu movimento de valorização daquilo que até então era visto com desconfiança, a exemplo do campo ficcional literário.

Com esse tipo de abordagem, a literatura pode ser observada como um campo da expressividade artística, e compreendida por outras áreas do conhecimento que contribuem para sua interpretação e alargam as fronteiras entre os saberes humanos, bem como aumenta a profundidade de pesquisas que utilizam a literatura como objeto de estudo e aspectos existentes em sua constituição.

Outro teórico que traz a luz a possibilidade de estudos sob o viés interdisciplinar é Casanova que ao criticar a forma fragmentada em relação a muitos tipos de pesquisas expõe que:

A interdisciplina, como relação entre várias disciplinas em que se divide o saber-fazer humano, é uma das soluções que se oferecem a um problema muito mais profundo, como a unidade do ser e do saber, ou ainda das ciências, das técnicas, das artes e das humanidades com o conjunto cognoscível e construível da vida e do universo (CASANOVA, 2006:13).

Embora haja confusão quando se fala no estudo interdisciplinar da literatura, pois ela não é considerada uma disciplina e sim um meio de expressão artística dentro das humanidades, Casanova elucida que a interdisciplina não se dá apenas entre disciplinas distintas, mas sim que ela pode ser exercida entre diversos campos e saberes humanos, e o saber artístico, dessa maneira, pode ser contemplado com este tipo de pesquisa e estudo, possibilitando a ampliação de elaborações teóricas que nos ajudam a compreender o indivíduo social e sua relação com os demais indivíduos e alguns aspectos inerentes a eles, como é caso da identidade e como essa identidade é processada a nível interno (eu) e a nível externo (outro).

1.2 Vários olhares sob um mesmo evento

O romance “Avante soldados: para trás”, utiliza como pano de fundo um evento histórico, que é a Guerra do Paraguai. Contudo não o faz como se pode observar em várias publicações historiográficas, ao dar margem para outras possíveis interpretações não arraigadas em documentações comprobatórias. Com isso, a narrativa nos convida a lançar

outros olhares sobre um mesmo evento, além daqueles que conhecemos e que é encontrado em livros mais tradicionais de história, conforme podemos refletir com o fragmento seguinte, extraído da obra a ser enfocada neste estudo:

Eis aí um engano dos que escrevem, não um romance, mas outros livros, tidos como mais exatos no relato de eventos tão graves. Não houve uma guerra; houve muitas guerras, milhares de guerras na Guerra do Paraguai. Milhares de retiradas foram feitas naquela Retirada da Laguna (SILVA, 1992: 214).

Publicado em 1992, o romance “Avante soldados: para trás” do escritor catarinense Deonísio da Silva, obteve grande reconhecimento na crítica literária, recebendo prêmios a nível internacional, a exemplo do Prêmio Casa de Las Américas, em júri presidido pelo primeiro escritor lusófono a receber um Prêmio Nobel de Literatura, José Saramago, que teceu elogios sobre a obra do escritor brasileiro:

O romance projeta um olhar crítico sobre a Guerra do Paraguai. A ficcionalização deste cruel episódio da história brasileira e latino-americana é feita com distanciamento irônico e revela o grande jogo de interesses que moveram essa guerra. O romance consegue narrar os pequenos grandes dramas do cotidiano, criando personagens complexos e contraditórios, através dos quais consegue sublinhar o absurdo dessa e de todas as guerras. O domínio das técnicas narrativas, o trabalho equilibrado com a tradição e a invenção, a linguagem sólida, sem grandes deslizes, são algumas das qualidades literárias que justificam o Prêmio Casa de Las Américas (SILVA, 1992:I/II).

O romance possibilita ao leitor um novo olhar sobre um dos maiores conflitos bélicos de todos os tempos: a Guerra do Paraguai, considerada como um dos maiores derramamentos de sangue envolvendo povos americanos.

A relação recíproca entre literatura e história é visível em quem escreve ficcionalmente sobre um acontecimento histórico, e não o faz de maneira leviana. Os detalhes acerca de personagens e cenário que são constatados na obra de Deonísio da Silva leva a crer que o literato buscou em documentos históricos explicações diversas sobre o

episódio. Além disso, possivelmente refletiu sobre o mesmo transferindo suas reflexões para o campo literário e essas constatações podem colocar historiadores em uma posição de inquietação, cativando-os a pesquisar e a fazer estudos utilizando, inclusive, a ficção literária como um dos objetos para suas elaborações teóricas.

O romance é dividido em duas partes. A primeira enfoca a marcha e as batalhas da expedição das forças aliadas representadas por um destacamento brasileiro sob o comando do coronel Carlos Camisão, um dos principais personagens do romance. Na segunda parte, embora continue a evidenciar a volência da guerra, há uma narrativa mais amena ao descrever a paixão de Camisão por Mercedes, uma militar pertencente ao Exército paraguaio.

Não são deixadas de lado as peculiaridades das tropas brasileiras, pois muitos soldados foram alistados à força e sem o treinamento adequado para uma guerra da envergadura da que ocorria, além do revanchismo entre alguns de seus componentes, o que pode ter colaborado para a falta de unidade e episódios como o que é narrado no livro, conhecido historicamente como a “Retirada da Laguna”.

A opção por narrar uma situação de frustração das forças brasileiras leva a crer que Silva, buscou com isso, desmistificar a ideia que muitos possuem ao crer que na Guerra do Paraguai, houve apenas vitórias para os aliados, com grande ganho para as nações pertencentes à Tríplice-Aliança. O que percebemos no romance é exatamente o oposto, pois ela induz a entender que, em uma situação de guerra, todos os envolvidos perdem, uns mais e outros mais ainda. Vale destacarmos também, que a Guerra do Paraguai foi um confronto internacional que gerou várias polêmicas, sendo as mesmas transferidas inclusive para a esfera histórica, e originaram com isso, algumas vertentes que as justificam, conforme podemos observar nas palavras do historiador Francisco Doratioto:

A geração daqueles que lutaram na guerra, quer nos países aliados, quer no Paraguai, não registrava de forma positiva o papel histórico de Solano López. Havia certeza da sua responsabilidade, quer no desencadear da guerra, ao invadir o Mato Grosso, quer na destruição de seu país, pelos erros na condução das operações militares e na decisão de sacrificar os paraguaios, mesmo quando caracterizada a derrota, em lugar de pôr fim ao conflito. Dessa geração nasceu a historiografia tradicional sobre a guerra, que simplificou a explicação do conflito ao ater-se às características pessoais de Solano López, classificado como ambicioso, tirânico e,

mesmo, quase desequilibrado. Essa caracterização não estava longe da realidade e pode até explicar certos momentos da guerra, mas não sua origem dinâmica (DORATIOTO, 2002: 18/19).

Segundo essa visão mais tradicional, a Guerra do Paraguai teve como grande protagonista a figura de Solano López, que, com sua desmedida ambição, converteu seu próprio país em ruína ao colocá-lo em um guerra desproporcional e converter cada cidadão civil em um militar em potencial. Isso pode ser observado ao recorrermos às publicações historiográficas que informam o número assustador de paraguaios que foram dizimados nesse conflito internacional.

Seguindo a linha de Doratioto, observamos um viés interpretativo que contrapõe ao exposto anteriormente:

No final do século XIX e início do XX surgiram vozes discordantes dessa interpretação tradicional. No Brasil, os adeptos do positivismo, filosofia contrária ao regime monárquico de governo, passaram a responsabilizar o Império brasileiro pelo início da guerra. No Paraguai, por essa época, surgiu o revisionismo sobre Solano López, que teve sua imagem “reconstruída” e passou a ser apresentado como estadista e grande chefe militar. Essa interpretação surgiu por motivos financeiros [...] e foi adotada por uma seqüência de ditadores: Rafael Franco (1936 – 7) a oficializou; Higinio Morinigo (1940-8) a fortaleceu e Alfredo Stroessner (1954 – 89) a tornou ideologia oficial do Estado, a ponto de prender e exilar aqueles que dela divergissem. A falsificação do passado, com a apologia da ditadura lopizta, contribuiu para construir a opressão do presente, ao dar suposta legitimidade aos regimes desses três governantes (Ibidem: 19).

Observamos nesse ponto, como que aquilo que era historicamente refutado, pode ser ressignificado e serviu para fundamentar a ideologia do Estado paraguaio: Solano López se converteu em um herói pátrio, símbolo de resistência e bravura do elemento paraguaio. Contudo, segundo Doratioto, há outras vertentes interpretativas:

Foi, porém, a partir de fins dos anos 1960 que intelectuais nacionalistas e de esquerda do Rio da Prata promoveram Solano López a líder antiimperialista. Esse revisionismo que, com o tempo, descambou para

posturas populistas, apresenta o Paraguai pré-guerra como um país progressista, onde o Estado teria proporcionado a modernização do país e o bem-estar de sua população, fugindo à inserção na economia capitalista e à subordinação à Inglaterra. Por essa explicação, Brasil e Argentina teriam sido manipulados por interesses britânicos para aniquilar o desenvolvimento autônomo paraguaio (Ibidem).

Na narração de Silva, há momentos em que a visão dos personagens parecem estar de acordo com essa justificativa possível acerca do conflito, como pode ser ilustrado com o seguinte fragmento, já na parte final do romance:

[...] “Todos queriam aniquilar o Paraguai.” “Talvez tenham conseguido por causa da Tríplice Aliança”, eu disse. “Tríplice?!” exclamou Mercedes, perguntando mais com os olhos do que com as palavras. “Tríplice com quatro? Por que sempre se omite a Inglaterra se os aliados pagam as contas com moeda inglesa?” (SILVA, 1992: 208/209).

Na parte inicial de sua obra, Doratioto além de expor essas vertentes interpretativas acerca do conflito bélico, critica a falta de consistência documental das mesmas e justifica seus estudos, levando a indicar que a guerra esteve pautada principalmente por questões locais, de países que buscavam expandir geografica e politicamente e que acabaram por entrar em rota de colisão em relação a seus interesses. Dessa maneira, observamos que há muitas “histórias” por trás desse conflito bélico e a narrativa literária muitas vezes, tende a trazer para dentro de si esses novos olhares, suscitando a dúvida e a busca de novas interpretações, inclusive dentro da própria história, havendo um enriquecimento recíproco de ambas as partes, da literatura que usa dados históricos para sua consolidação e da história que busca histórias latentes na ficção para refletir e aprofundar os conhecimentos até então gerados.

Com isso, podemos observar que o discurso histórico contribui para a constituição do romance de Silva e o mesmo pode suscitar novas reflexões e abordagens nos meios historiográficos.

1.3 Fronteiras identitárias na literatura

Ao falarmos em fronteira, uma das primeiras imagens que podem surgir em nossa mente é a separação de dois países em territórios por uma alfândega, onde passando do outro lado estamos em um local diferente de onde estávamos. Para que possamos vislumbrar como as fronteiras identitárias podem ser percebidas dentro da esfera literária, refletimos sobre o conceito de fronteira geopolítica, que segundo Albuquerque ao estudar o processo dinâmico na fronteira entre Brasil e Paraguai explica que:

Muitas vezes usamos como sinônimos os termos fronteiras, limite e divisa. Mas existem diferenças específicas entre essas palavras. A fronteira é vista geralmente como uma zona, uma faixa ou região entre dois países, é um espaço mais amplo de relações sociais de um lado e outro do limite político. Não tem extensão precisa e varia em cada situação singular. Mas, muitas vezes, os Estados nacionais definem juridicamente uma faixa de fronteira como área de segurança nacional. O Brasil definiu uma zona de 150 km a partir do limite internacional e o Paraguai delimitou no final de 2004 uma faixa de 50 km. Já o limite internacional é denominado de linha de fronteira. O limite é abstrato e invisível, fruto de um tratado jurídico internacional ou delimitação. A divisa representa a visibilidade na paisagem geográfica deste limite invisível. Ele é percebido através da construção de marcos visíveis (a demarcação) e da criação de controles alfandegários e de instituições militares que fiscalizam a saída e entrada de mercadorias e pessoas (MARTIN, 1998; GOLIN, 2002 apud ALBUQUERQUE, 2010: 35)

Optamos por esta explicação de Albuquerque porque em seu estudo ele contempla as múltiplas relações que se dá em um espaço fronteiriço entre Brasil e Paraguai ao focar um elemento (o brasiguai) que é comum em situações geográficas naquela região a exemplo das cidades de Corumbá no Mato Grosso da cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero e das cidades de Foz do Iguaçu no Paraná e Ciudad de Leste, também localizada em território paraguaio. Essa fronteira (Brasil – Paraguai) é explorada dentro da malha narrativa do romance “Avante soldados: para trás” de Deonísio da Silva ao abordar um episódio conhecido historicamente como a Retirada da Laguna, ocorrida dentro da Guerra do Paraguai.

Contudo, a fronteira tem o papel de não apenas delimitar aspectos geopolíticos, mas também contribui para a identificação das pessoas. Se falo que sou brasileiro, logo,

fica subtendido que não sou paraguaio, ou argentino, ou francês, ou pertencente a outras nacionalidades.

Um dos principais fatores que geram conflitos entre nações é a falta de reconhecimento de suas soberanias. Ao infligir as fronteiras políticas sem prévia autorização, isso ocasiona o conflito, tal como ocorreu em relação à Guerra do Paraguai.

Assim, o conflito gera a reafirmação da identidade por parte daquele que está imerso nele e por isso oferece possibilidades para o estudo da construção de identidade.

São vários os fatores que contribuem para a solidificação da identidade do ser social, sendo que um dos principais é a cultura que vivenciamos. Contudo, há uma distinção entre cultura e identidade, como percebemos com a explicação de Denys Cuche: “A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de veiculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas” (CUCHE, 1999:176).

Dessa forma, podemos entender a identidade como algo que é construído não de uma maneira inata com o nascimento do indivíduo, pois ela ocorre de maneira consciente. Quando falo que sou brasileiro, tenho consciência que não sou paraguaio, e possuo traços da cultura brasileira que vivencio e assimilo muitas vezes de maneira inconsciente.

Se um conflito internacional, geralmente nos deparamos com dois ou mais países em situação de oposição direta, é relevante explorarmos também o conceito de identidade nacional. Segundo o Cuche, com a solidificação dos Estados-Nações modernos, a identidade começou a ser tratada como um assunto de Estado, pois ele se tornou o gerente da identidade para a qual instaura regulamentos e formas de controles (CUCHE, 1999:188).

A exaltação da identidade nacional pode ocasionar segundo o autor, a uma tentativa de subversão simbólica contra a afirmação da identidade e para aprofundar sua explicação, Cuche referencia Bourdieu:

[...] os indivíduos e os grupos investem nas lutas de classificação todo o seu ser social, tudo o que define a idéia que eles trazem de si mesmos, tudo o que os constitui como “nós” em oposição a “eles” e aos “outros” e tudo ao que eles têm um apreço e uma adesão quase corporal. O que explica a força mobilizadora excepcional de tudo o que toca a identidade (BOURDIEU apud CUCHE, 1999:190).

Vale a pena observarmos que a fronteira identitária é algo que se dá também a nível interpessoal, pois, assim como para que não haja a eclosão de um conflito internacional é necessário o reconhecimento de outros países em relação a soberania de uma nação, o ser humano também necessita ser reconhecido pelo outro para que ele seja reconhecido perante si mesmo.

1.4 O estudo do eu/outro em um escrito polifônico

Ao lermos o romance “Avante soldados: para trás”, podemos observar a existência de várias vozes e não apenas a voz do narrador. Quando falamos em várias vozes é necessário o esclarecimento da ocorrência delas na esfera literária, como em estudos acerca da polifonia contidos em publicações como as de Barros e Fiorin que fazem algumas releituras de Bakhtin:

[...] Emprega-se o termo polifonia para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que se deixam entrever muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem. Reserva-se o termo dialogismo para o princípio constitutivo da linguagem e de todo discurso.

Em outras palavras, o diálogo é condição da linguagem e do discursivo, mas há textos polifônicos e monofônicos, segundo as estratégias discursivas acionadas. No primeiro caso, o dos textos polifônicos, as vozes se mostram; no segundo, o dos monofônicos, elas se ocultam sob a aparência de uma única voz. Monofonia e polifonia de um discurso são, dessa forma, efeitos de sentido decorrentes de procedimentos discursivos que se utilizam em textos, por definição, dialógicos. Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, faz-se ouvir (BARROS apud BARROS; FIORIN (1999:5/6)

Quando nos debruçarmos em alguns estudos feitos por Bakhtin, a exemplo de sua “Estética da criação verbal” (2006), observamos que o teórico considera o sujeito como alguém que constrói o seu discurso em função de outros, obtendo sentido somente em

diálogo com a alteridade. Para ele, o sujeito vai surgir em contato com o outro. Esse sujeito é essencialmente dialógico e seu conhecimento é solidificado no discurso produzido por intermédio dessa relação. O teórico russo promove a crise da concepção mais tradicionalista em relação ao sujeito, na medida em que tem consciência da presença de várias vozes em seu discurso. Assim, o sujeito nunca está acabado, mas torna-se uma construção constante, dinâmica, permanente, móvel. Dessa maneira, a relação com o outro forma o local de atuação do sujeito.

Com esse esclarecimento, podemos considerar o romance de Silva como um escrito essencialmente polifônico, utilizando formas memorialísticas, pois o narrador-personagem o escreve em um tom retrospectivo reaproveitando as vozes de suas personagens. O soldado-narrador escreve suas memórias em um tempo posterior ao da história, embora tenhamos a impressão que ele a narra no momento presente dos acontecimentos. Essa intenção de preservar a memória do horror que ocorreu no conflito, é elemento fundamental no enredo. Por intermédio do relato do narrador, o leitor vislumbra o terror que foi tal evento histórico. Com isso a literatura provoca reflexão, por meio do olhar do narrador, que individualizando a dor, extrapola a função estética e confere certa proximidade com a situação real, conferindo valor histórico ao rememorar e preservar lembranças pretéritas, como podemos observar no seguinte fragmento do narrador sobre um dos eventos ocorridos na Guerra do Paraguai:

Lembramos coisas bem específicas, como a açucena que dei a Mercedes num fim de tarde; o guerreiro caído com os braços agarrados a uma árvore e sem metade do corpo, da cintura para baixo; a moça bonita que no caminho de ida nos deu uma sopa quentinha, e na volta estava toda cortada por arma branca, degolada, com as duas mãos segurando um cartaz onde se lia “paraguaia” e que, segundo os relatos, nos dera a sopa para nos trair depois, porque o Paraguai era um exército só [...] (SILVA, 1992: 214).

Neste fragmento observamos que o narrador não se contenta em apenas descrever imagens belas ligadas à amada, mas também cenas que deixam claro a falta de

humanidade por parte daqueles que exercem a guerra como uma forma de dominação, vitimando pessoas indefesas. Constatamos também que o tom memorialístico da narração, faz com que a riqueza de detalhes sejam mais abundantes do que se fossem escritos no momento em que eles viessem a ocorrer. Quando faz isso, o narrador recorre a sua memória e ao fazer isso, observa a existência de outras pessoas que povoaram situações vivenciadas por ele. Dessa maneira, o seu “eu” memorialístico necessita do “outro” para se solidificar e transmitir uma maior riqueza de detalhes nas cenas descritas.

Bakhtin expõe que o nosso “eu” não se solidifica isoladamente em si mesmo e necessita do “outro” para sua constituição, ou seja, a voz do outro contribui para nos vermos como seres singulares:

[...] No mundo único do conhecimento não posso colocar-me com *eu-para-mim* em oposição a todos sem exceção – os outros indivíduos passados, presentes e futuros como outros para mim; pelo contrário, eu sei que sou um indivíduo tão limitado quanto todos os outros, e que todo outro vivencia substancialmente a si mesmo de dentro, não se personificando essencialmente para si mesmo em sua expressividade externa. Mas esse conhecimento pode determinar a visão real e o vivenciamento do mundo singular concreto do sujeito singular. A forma do vivenciamento concreto do indivíduo real é a correlação entre as categorias imagéticas do *eu* e do *outro*; e essa forma do eu, na qual vivencio só a mim, difere radicalmente da forma do *outro*, na qual vivencio todos os outros indivíduos sem exceção. O modo como eu vivencio o meu próprio *eu* do outro isso entra na categoria do outro como elemento integrante, e essa diferença tem importância fundamental tanto para a estética quanto para a ética (BAKHTIN, 2006: 35).

Um fragmento que deixa exposto dentro do romance de Silva a importância do outro para a solidificação do eu, é o momento em que o coronel brasileiro Carlos Camisão, se encontra com seu oposto sexual e de guerra, a paraguaia Mercedes, sua inimiga e amante:

“Calma. Entra devagar”, disse Mercedes. “O inimigo pode perceber.” “O inimigo de quem?” disse Camisão. “O seu ou o meu?” “O meu e o seu. Os dois, nesse momento, se banham na mesma água”. Dito isto, abraçou

Camisão. “Estou muito sujo”, disse Camisão. “Deixa eu mergulhar e largar na água o caldo grosso que cobre o meu corpo como breu. Minha mulher sempre me dizia que minha pele era uma capa de seda. Se me visse nessa guerra!” “A sua mulher é aquela que está com você”, disse Mercedes (SILVA, 1992: 102).

Nessa passagem podemos observar como o *outro* é fundamental para que o *eu* se sinta como um ser pertencido e que pertence a um outro ser, havendo uma situação de complementaridade entre o eu/outro que contribui para o reconhecimento de ambos como seres humanos de maneira recíproca.

Com isso, podemos dizer que além de haver fronteiras entre países politicamente diferentes e que se reconhecem enquanto independentes entre si, há também fronteiras entre o “eu” e o “outro” e da interação entre essas duas partes pode surgir uma complementaridade que contribui para o reconhecimento de ambas as partes enquanto indivíduos.

Dessa maneira, a fronteira pode ser presentida não apenas como um divisor político-geográfico entre um país e outro, mas também entre os indivíduos que se interagem. Camisão sabe que ele, enquanto representante do exército brasileiro, deveria zelar pela integridade das fronteiras de seu país para com o país invasor, contudo, precisava se sentir reconhecido por aquela que o cativou. Assim, no trecho transcrito, a fronteira entre o “eu” (Camisão) e a do “outro” (Mercedes) são mais importantes naquele momento do que a diferenciação entre suas nacionalidades. Com isso, as fronteiras identitárias entre os indivíduos são presentidas constantemente, pois com elas, reconhecemos não apenas o “outro” mas também o nosso “eu”.

Considerações finais

A literatura pode ser considerada um meio fecundo para a prática da interdisciplinaridade. Tanto a primeira como esta última, apontam para a dilatação das fronteiras do conhecimento. As pesquisas interdisciplinares buscam aprofundar os estudos que muitas vezes se demonstram insuficientes em suas próprias fronteiras disciplinares.

Como pudemos ver em narrativas como *Avante soldados: para trás*, e neste estudo, a literatura se demonstra como uma esfera profícua para se estudar fronteiras

identitárias e aspectos como o reconhecimento envolvendo o “eu” e o “outro” muito comum em narrativas com grande densidade memorialística, a exemplo do escrito do literato catarinense.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume, 2010.

CASANOVA, Pablo González. *As novas ciências e as humanidades: da academia à política*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006: 21.

BARROS, Diana L. P. de. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1999.

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru:Edusc, 1999.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Deonísio da. *Avante, soldados: para trás*. São Paulo: Siciliano, 1992.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.